



nascente Pag. 6 a 10

CEM ANOS, SEM ANTÓNIO GAIO

1925-2025

A 18 de julho de 1925 nascia aquela que viria a ser uma das figuras mais marcantes da história do concelho de Espinho. Por onde passou, António Gaio deixou lastro: na cultura, no desporto, no associativismo, na atividade cívica, na imprensa, na política.

No centenário do seu nascimento, ouvimos relatos de quem com ele conviveu de perto, provando que o seu legado humanista continua a resistir à passagem do tempo.

opinião

Cem anos, sem António Gaio



Joel de Oliveira
Jornalista

Não cheguei à Cooperativa Nascente a tempo de conhecer António Gaio. Aquilo que dele imagino, construo com os relatos que me vão chegando: não é assim, afinal, que dizemos conhecer tanta, e tanta gente? Junto estas palavras, estas frases ditas com maior ou menor precisão ou entusiasmo, e assim nasce a minha ideia; que, forçosamente, não corresponderá à realidade, porque não a é, por mais ou menos aproximada que dela possa estar.

Certo desta minha condição inicial, tento complementar o relato e a perceção com as imagens da época. "Que homem grande, este", penso, ao contemplar as suas fotografias, sabendo que, para muitos, a altura será um atributo invejável; para outros, no entanto, significa ser visto na mais ampla das salas, e não haver buraco que, de tão fundo, os esconda.

Apetece-me falar com aquele velhinho, sempre bem aperaltado, de pernas até à cabeça, bigode riscado, boina direita e equilíbrio poisado na bengala. Não quero que os outros me digam o que

ele foi: quero que ele se diga a si mesmo. Quero saber como vê o Mundo, as coisas, sei lá... Imagino-o ao meu lado, enquanto leio os testemunhos que me vão chegando.

"Rapaz, não fui isso tudo. Sublinha mais esta parte. Corta aquela. Acrescenta isto! Como é possível terem-se esquecido daquilo?" – dir-me-ia. Que ninguém fica para contar a sua própria história, bem o sei. Poucos seriam os que teriam o discernimento de se diminuir, e muitos os que não resistiriam à tentação de insuflar o peso das pegadas deixadas.

Mas falar de António Gaio é, também, unir o mito ao Homem; carimbá-lo com o selo da eternidade que a sua postura lhe conquistou. Que pessoa estranha, esta, que confiava nos corações (ainda) pouco afinados dos mais jovens; que preferia construir pontes sobre os mais largos leitos, do que nunca mais voltar à praia; que encontrava paz nas histórias das revistas aos quadradinhos, e nelas escapava das mentes quadradas do Mundo.

A sua ausência torna-se tão ou mais notada quando o país está caótico, a região feita num caco, e o panorama cultural um deserto de raros oásis. Precisávamos de mais de António Gaio, de mais Antónios Gaios, de gente viva – mas viva, mesmo –, atenta, de gente que quer saber, que faz, que tem o dom de inspirar outros à sua volta, de marcar um tempo, de deixar um legado.

Sobre António Gaio, muito se diz. Muito se poderia dizer. Muitos o dizem. Muitos o poderiam dizer. Na impossibilidade de o ouvir, e pelos tantos em que ainda vive, reunimos nesta edição fragmentos da sua passagem pelo Mundo. Se fosse vivo, estaria a celebrar o seu centésimo aniversário. Se fosse vivo?... Que estupidez! Parabéns, António Gaio, nesta data querida. Muitas felicidades, muitos anos de vida. Não é justo... Gostava de ter chegado a tempo.

PUB INST

a maré chega todos os dias

Abrimos uma nova porta de contacto com os nossos leitores, num tempo em que a proximidade se constrói também online.

Agora pode ler todas as notícias em qualquer lugar.

Visite-nos em

www.mare-viva.pt



Ficha Técnica

Diretor Henrique Neves
SubDiretor Ricardo Gouveia
Editor e Redator Principal Joel de Oliveira
Projeto gráfico António Coxito
Redatores Rafael Oliveira e Adriana Resende de Castro
Fotografia Joel de Oliveira
Paginação Beatriz Silva, Bárbara Bleco
Apoios e Parcerias Cristina Novo
Publicidade Margarida Pinho
Tesouraria Cristiano Ribeiro
Promoção Institucional Catarina Ferreira
Colaboradores Carlos Gaio

Redação e Paginação

Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
Telefone 227 331 355
E-mail jornal@mare-viva.pt
Redação e Secretaria
Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
Telefone 227 331 357

Propriedade Nascente

– Cooperativa de Acção Cultural, CRL
Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
NIF 500 615 268
Número de registo do Título
104499, de 28/06/76
Depósito Legal 2048/83

Os textos de Opinião publicados nesta edição são da inteira responsabilidade dos seus autores, não vinculando, direta ou indiretamente, o cariz editorial e informativo deste jornal.

Estatuto editorial:

O Maré Viva, enquanto propriedade de uma Cooperativa de Acção Cultural e Jornal de carácter regional, propõe-se:
– Noticiar de forma independente, objetiva e isenta, todos os factos importantes da vida política, social, cultural e desportiva regionais;
– dar um especial ênfase a todas

as manifestações de carácter cultural, procurando, com a respetiva divulgação, contribuir para o fomento cultural da região;
– Defender sempre, de forma intransigente, os princípios constitucionais da República Portuguesa, procurando, desse modo, contribuir para que sejam alcançados os grandes desígnios nacionais;
– Respeitar os princípios deontológicos da imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação.

cultura agenda



17 DE JULHO A 27 DE SETEMBRO – EXPOSIÇÃO
Re/Descobrir Helena Cardoso
 Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia

Esta é a primeira exposição de uma série, que pretende ser vasta, integrada no projeto Conhecer, Mapear, Divulgar, iniciativa dos designers e investigadores Maria Bruno Néo e Luís Mendonça. Apresenta a obra da designer Helena Cardoso com mais de 40 anos de trabalho desenvolvido, reúne cerca de 80 artefactos produzidos em diferentes técnicas e materiais, textos e fotografias de Marta Ribas, dos 15 municípios do norte de Portugal, onde a designer desenvolveu a sua obra: Castro Daire, Cabeceiras de Basto, Terras de Bouro, Caminha, Vila Verde, Viana do Castelo, Vale de Cambra, Amarante, Barcelos, Arouca, Guimarães, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia, Matosinhos e Porto.



18 E 19 DE JULHO – DANÇA
Território VIII
 Teatro Carlos Alberto – TNSJ
 19h00/21h00

O programa que já envolveu mais de oitenta jovens bailarinos, provenientes de cerca de quarenta escolas de dança de todo o país, chega à oitava edição. "Território" é uma iniciativa dos Estúdios Victor Córdon, que proporciona todos os anos a doze jovens estudantes de dança uma experiência profissionalizante com dois coreógrafos integrados no circuito internacional. A 8.ª edição conta com as presenças de Marco Goecke, que dirigiu o Hanover State Ballet e que o jornal Die Welt considerou como "o mais importante coreógrafo da Alemanha", e Nadav Zelner, jovem criador israelita em ascensão. Estreia do espetáculo que encerra o programa e que integra ainda o filme vencedor do prémio Território | Estúdios Victor Córdon na categoria de Melhor Realizador Português do InShadow – Lisbon ScreenDance Festival 2024.



19 DE JULHO – MÚSICA
Angélique Kidjo & Orquestra Clássica de Espinho
 Largo da Câmara Municipal de Espinho
 21h30

Angélique Kidjo é um grande nome da música africana. Ao longo das últimas décadas, forjou uma carreira de sucesso cruzando estilos, domínios e geografias. No encerramento do 51.º FIME, traz-nos um espetáculo sinfónico que encadeia canções africanas emblemáticas numa rapsódia com arranjos de Derrick Hodge. Espinho vai participar na African Symphony, uma viagem orquestral por sons africanos guiada pela poderosa voz de Angélique Kidjo. Uma noite que promete ser inesquecível.



18 A 20 DE JULHO – MÚSICA
Meo Marés Vivas
 Antigo Parque de Campismo da Madalena

O festival Meo Marés Vivas decorre de 18 a 20 de julho, em Vila Nova de Gaia, apresentando uma programação diversificada com artistas de renome internacional e nacional. No dia 18 de julho, os destaques incluem Scorpions, Xutos & Pontapés, Marcus King e Hybrid Theory. A 19 de julho, o palco será ocupado por Thirty Seconds to Mars, Miguel Araújo, Os Quatro e Meia, Luís Trigacheiro, Buba Espinho, Nena e Joana Almeirante. O último dia, 20 de julho, contará com atuações de Ozuna, Pedro Sampaio, Calema e Nenny.



18 DE JULHO – CINEMA
Shortcutz – Festa Premiados 2024
 Escola de Artes e Ofícios de Ovar
 21h30

Exibição dos filmes premiados nas categorias de melhor curta do ano, primeira obra, animação, prémio do júri e prémio do público. Pelas 21h30, acontecerá a sessão de curtas com a presença dos realizadores premiados e jurados de 2024. Pelas 00h00, terá lugar "REGINA", um concerto de Laura Rui, Clara Maio e As Suspiro. Uma hora depois começa a after-party, com a dj Lara Soft. Entrada livre no limite dos lugares disponíveis sujeita a marcação por mensagem ou e-mail.



20 DE JULHO – MÚSICA
"Pisco", de Patrícia Lestre
 Parque do Rio Ul – SJ da Madeira
 18h30

"Pisco" é um projeto de Patrícia Lestre acolhido no ninho da d'Orfeu para dar origem a uma criação que alia a música à expressão, num encontro de músicos de diferentes nacionalidades, e que tem como objetivo promover a música enquanto ferramenta imprescindível para a saúde e bem-estar, num espetáculo poético que deverá, em breve, tornar-se prescrição médica. Compostas no espaço de uma década de viagens, histórias e uma enorme necessidade pessoal para exprimir e evoluir com essas experiências, as canções de "Pisco" têm composição, letra, arranjo e direção de Patrícia Lestre. Nesta criação, para palco, levará a sua voz, ukulele, guitarra e violino.

cultura notícias



O Imaginarius Centro de Criação (ICC) prepara mais de dez novas residências artísticas e ações com a comunidade para o segundo semestre de 2025. A programação inclui ensaios abertos e uma nova formação em outubro. Entre fevereiro e junho, o ICC realizou 26 iniciativas, entre as quais 12 residências, 7 espetáculos e 5 ensaios abertos, com a participação de cerca de 30 artistas de seis

países. Várias criações integraram o Festival Imaginarius, abordando temas como sustentabilidade, progresso e inclusão. No plano internacional, destacaram-se os projetos Green Streets of Europe e temperART, que trouxeram companhias estrangeiras à região. O ICC manteve ainda parcerias com Serralves e Inatel. A relação com a comunidade passou por ações como a formação Sabores da Rua,

ligada a eventos locais, e pelo projeto LaB InDança, que contou com duas residências artísticas em articulação com a Fundación Psico Ballet Maite León, de Madrid. A terceira etapa decorrerá em novembro, com a deslocação de artistas portugueses a Espanha. O ICC continua a funcionar como espaço de criação, mantendo a ligação entre artistas e território.

Silvalde celebra São Tiago com quatro dias de festa

Silvalde volta a celebrar o seu padroeiro com as Festas em honra de São Tiago, que decorrem de 25 a 28 de julho. O programa inclui momentos religiosos, concertos e animação para

todas as idades. A festa começa na quinta-feira com uma eucaristia na igreja local, seguida de um concerto com Mário e Hermínio. Na sexta-feira, há rusgas populares, música ao vivo com o Conjunto Bossa Nova, fogo de artifício à meia-noite e animação com DJ Roy. No sábado, o dia começa com uma aula de zumba e inclui

eucaristia, procissão acompanhada por banda e fanfarra, um concerto da Banda Musical S. Tiago de Silvalde e, à noite, a atuação de Lean Cruz. O encerramento está marcado para domingo com o concerto da banda Musikanto. As festas são organizadas pela Comissão de Festas de São Tiago de Silvalde.

A festa das motos faz-se ao som de Pearl Jam, Linkin Park e Mamonas Assassinas

Espinho prepara-se para receber a XIII Concentração do Moto Clube de Espinho, que decorre de 25 a 27 de julho no Parque de Campismo local. O encontro motard volta a juntar

centenas de entusiastas das duas rodas num ambiente marcado pelo convívio, espetáculos ao ar livre e animação musical. O programa inclui concertos durante as noites de sexta e sábado. No primeiro dia, sobem ao palco os Given to Flow, com tributo a Pearl Jam, e Os Creuzbeks, com versões dos Mamonas Assassinas. No sábado, a música continua com Os Xêtricos e os Hybrid Theory, conhecidos pelas recriações do repertório de Linkin Park.

Durante o fim de semana decorre ainda o FMX Freestyle Show, com demonstrações de acrobacias em motos, aberto ao público e com acesso gratuito. A concentração inclui também o primeiro Bike Show do Moto Clube de Espinho, que convida os participantes a exibirem as suas motos e habilitarem-se a prémios.

Viagem Medieval arranca mais cedo e com foco na contemporaneidade

A Viagem Medieval em Terra de Santa Maria abre a edição de 2025 com um espetáculo contemporâneo no dia 29 de julho, no Terreiro das Guimbras, véspera do arranque oficial do evento (30 de julho a 10 de agosto). O espetáculo, que junta dança, vídeo, música e fogo, presta homenagem aos construtores da Viagem e aos "Filhos da Viagem" – feirenses nascidos a partir de 1996. Com início às 22h00, a apresentação divide-se em três partes. A

primeira envolve cerca de uma centena de artistas. Na segunda, entram em cena representantes das associações envolvidas e os "Filhos da Viagem", mediante inscrição e participação em dois ensaios. O último momento decorre junto à Casa do Moinho, com o hastear da bandeira oficial. No dia 29, o recinto estará aberto sem controlo de acessos. Apenas a Feira Franca e as zonas de restauração funcionam, entre as 18h00 e a 01h00. A programação completa arranca a 30 de julho.

PUB

O Golfinho
Marisqueira & SnackBar

Tel.: 22 734 4294 Rua 2 N°663, Espinho

nascente



Cem anos depois, o que fica de António Gaio é... o exemplo

Joel de Oliveira

A evocação do centenário de nascimento de António Gaio é, antes de qualquer outra coisa, um exercício de memória justo. Figura central na vida coletiva de Espinho ao longo de décadas, a sua ação deixou marcas duradouras em múltiplos domínios – do associativismo à política local, da cultura à imprensa, da economia local à construção de instituições que ainda hoje resistem com vitalidade. Assim, celebrar os cem anos do seu nascimento não é apenas lembrar o passado, mas também reafirmar o valor de uma cidadania ativa, comprometida, esclarecida.

Embora a sua vida tenha sido largamente dedicada ao trabalho voluntário em prol da cultura e da comunidade, António Gaio construiu também um percurso profissional exigente. Durante 35 anos exerceu funções como bancário, conciliando essa atividade com a ligação que desde cedo manteve à indústria da panificação, herança familiar que nunca abandonou. Nascido em 1925, numa casa da Rua 2, numa família ligada ao fabrico de pão, começou desde jovem a ajudar na padaria da Rua 14, hoje desativada. Mais tarde, na década de 1970, integrou o grupo de industriais que fundou a AIPAL – Agrupamento Industrial de Panificação de Espinho, de que foi sócio-gerente e onde continuou como sócio minoritário até ao final da vida.

Mas foi sobretudo no plano cívico e cultural que António Gaio se tornou uma referência incontestável. A sua ação associativa começou cedo: nos anos 40, integrou a Associação Académica de Espinho (AAE), onde fundou a secção de campismo em 1947, e foi responsável por inúmeras atividades culturais.

Assumiu também a direção do jornal “Rumo”, ligado à AAE, entre 1950 e 1953, e mais tarde colaboraria em diversas outras publicações locais, como a “Defesa de Espinho”, o “Vigor” ou o “Maré Viva”.

Na década de 1950 foi também um dos fundadores do primeiro Cineclube de Espinho, que viria a ser encerrado por intervenção policial em 1959, e participou ativamente na vida do Sporting Clube de Espinho, integrando a sua direção e criando um boletim informativo. Com o 25 de Abril, a intervenção de António Gaio ganha um novo fôlego. Foi membro da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho entre 1974 e 1976 e, mais tarde, eleito vereador e deputado municipal. A par da atividade política, foi um dos fundadores da Cooperativa Nascente, em 1976, estrutura que viria a ocupar um lugar central na sua vida e na vida cultural do concelho. Ao longo de quase 40 anos, fez parte de todos os corpos sociais eleitos da Nascente, assegurou a gestão administrativa do semanário “Maré Viva”, colaborou com regularidade como cronista e diretor do jornal, e dinamizou o Cineclube Nascente durante os seus anos mais ativos.

É também da sua visão e determinação que nasce a continuidade do CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho. Após as primeiras edições, e num momento de indefinição e risco de desaparecimento, António Gaio assumiu a responsabilidade de garantir a sobrevivência e estruturação do festival, tornando-se seu diretor e alma operativa durante largos anos. A projeção internacional do CINANIMA, reconhecida pela comunidade artística e pelo público, e o seu nome, são indissociáveis.

Distinguido com a Medalha de Honra da

Cidade de Espinho (1996) e agraciado com a Comenda da Ordem de Mérito pelo Presidente Jorge Sampaio (1997), foi homenageado ainda pela Casa da Animação (2005) e por diversas instituições locais em 2012, numa sessão pública que reconheceu o valor transversal do seu percurso. Em 2000 publicou o livro “Uma História do Cinema Português de Animação – Contributos”, reforçando o seu papel como investigador e apreciador do cinema de animação.

No ano em que se assinala o centenário do seu nascimento – 1925–2025 – a Cooperativa Nascente promove uma sessão evocativa no próximo dia 18 de julho, às 21h00, no auditório do Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE/ Museu Municipal). Com moderação de Carolina Letra, membro da direção da Nascente, a sessão reunirá várias personalidades que cruzaram caminhos com António Gaio ao longo da vida: António Santos, sócio fundador e ex-presidente da Cooperativa; David Pontes, diretor do jornal “Público” e antigo colaborador do “Maré Viva”; Nunes da Silva, sócio-gerente da AIPAL; Manuel Henrique Castro, presidente da AAE; e também o arquiteto Nuno Lacerda.

A Câmara Municipal de Espinho marcará presença institucional, destacando o contributo político e autárquico de António Gaio. A sessão incluirá ainda um momento musical com o guitarrista Paulo Vaz de Carvalho, que interpretará um repertório inspirado na obra de Carlos Paredes, e terminará com um Porto de Honra. Mais do que um olhar nostálgico, será uma forma de sublinhar o valor e atualidade do exemplo de António Gaio: que soube viver entre o trabalho e a cultura, entre a gestão e a criação, entre o fazer e o pensar, com generosidade e espírito coletivo.

Entre o silêncio e as palavras cheias, memórias de uma vida

Muitos foram os que, em diferentes contextos e por diferentes razões, privaram com António Gaio. Cem anos passaram desde o seu nascimento, mas o tempo não apagou o rasto da sua presença. Há gente que permanece – não apenas pelos feitos, mas pelas marcas deixadas nas vidas com que se cruzaram. Neste centenário, escutamos quem com ele partilhou caminhos, memórias, ideias e afetos. Reunimos vozes que, ao recordar, reacendem o nome de um homem no tempo.



Era um homem que ouvia toda a gente

- Adão Teixeira

Conheci António Gaio tinha eu os meus 19 anos, quando comecei a colaborar com a Cooperativa Nascente, na qual trabalhei um ano como Animador Bolseiro, programa do Instituto Português da Juventude. A partir dessa altura também comecei a colaborar com o CINANIMA.

António Gaio foi um Homem sempre dedicado à família, ao associativismo, ao CINANIMA, ao qual dedicava muito do seu tempo, como se fosse um filho seu; vivia avidamente todos os problemas que a organização de um evento dessa envergadura acarretava. e procurava resolvê-los usando todos os conhecimentos e amigos. Tinha uma maneira especial de conseguir a colaboração de todos os seus amigos para o festival. Tive a oportunidade de, através dele, conhecer três dos seus amigos mais íntimos, que praticamente eram da sua família: Artur Correia, Hernâni Barrosa (que já não se encontram entre nós) e Manuel Matos Barbosa, que ainda colabora com o CINANIMA.

Era um homem que ouvia toda a gente, em todos os projetos que se propunham a fazer no CINANIMA. Era capaz de ficar um pouco cético relativamente ao mesmo, mas depois de se assumir um compromisso, fazia tudo o que era possível para a sua realização com sucesso. Para quem colaborava com o festival, ele era como um pai a quem podíamos recorrer para nos ajudar

a resolver quaisquer que fossem as necessidades dos projetos. Ia ao seu bolso do casaco e tirava a sua pequena e famosa agenda de contactos; com dois ou três telefonemas, conseguia a ajuda que necessitávamos.

Neste momento, é com alguma mágoa e saudade que recorro os tempos vividos com o Sr. Gaio na Nascente e no CINANIMA. Tempos em que dedicava-mos muita parte do nosso tempo para colaborar com o festival, especialmente com o Sr. Gaio. Foi, e sempre será, um homem de extrema importância nas vidas dos espinhenses.



Os tempos da vida de António Gaio

- António Santos

António Gaio foi, notoriamente, um homem do seu tempo. Melhor, foi um homem dos vários tempos que lhe coube viver, que foram longos, exigentes e intensamente vividos, numa entrega permanente perante os desafios e oportunidades com que uma vida de 90 anos o confrontou e que ele não recusou.

Nascido quando a I República cedia o lugar a uma ditadura que marcou a primeira metade do tempo da sua vida adulta, e em que ele se colocou do lado dos que não desistiram de aspirar ativamente à liberdade, iria ter a felicidade de ver essa liberdade reconquistada e ainda contribuir ativamente para a sua preservação, numa segunda metade da vida marcada por um forte empenho cívico e cultural.

Em dois tempos tempos tão distintos, António Gaio fez a mesma opção de fundo, que foi a de intervir para se organizar com pessoas em torno dos valores humanistas e solidários em que acreditava. No primeiro tempo, essa ação teve como palco a Associação Académica de Espinho, espaço de alguma autonomia possível, mesmo que sempre vigiada e sob ameaça, e em que se juntou a uma plêiade de jovens espinhenses desse longo período escuro, numa Secção Cultural onde era ainda possível sonhar com um novo tempo.

E quando esse tempo finalmente chegou, após uma ansia de 30 anos, as três décadas dessa segunda fase da sua vida dedicou-as António Gaio, larga-



mente, a lutar pelos mesmos valores de sempre. Desta feita, no contexto da recém-criada Cooperativa Nascente, outra vez no meio de pessoas, agora muito mais pessoas, algumas mais velhas e vindas com ele de lutas anteriores, mas muitas mais novas, da mesma idade que ele tinha trinta anos antes.

Neste percurso singular, António Gaio cumpriu o papel essencial de passar o testemunho, o legado, dos tempos que viveu e das gerações que acompanhou e, em particular, deu exemplo de que, como escreveu o poeta “há os que lutam toda a vida e esses são os imprescindíveis.”

António Gaio foi um homem dos tempos que lhe coube viver e, com isso, tornou-se um homem dos tempos que não de vir.

Um Legado de Cultura, Liberdade e Paixão pela Imagem

- Armando Bouçon

No ano em que se evocam os 100 anos do nascimento de António Gaio, é impossível não recordar a figura ímpar que marcou de forma indelével a vida cultural de Espinho. Homem de pensamento livre, apaixonado pela imagem e pelo cinema, dinamizador incansável da imprensa local e mentor de gerações, António Gaio deixou um legado que continua a inspirar.

Das muitas conversas que tive com ele, guardo com carinho o seu fascínio pela imagem. Dotado de uma memória prodigiosa, falava com entusiasmo da sua paixão pela banda desenhada – desde a revista “O Senhor Doutor”, passando pela sua coleção de “Mosquitos”, até ao incontornável “Tintin”. Mas foi o cinema que mais o apaixonou e que mais me fascinou nas nossas conversas. De Chaplin a Vittorio De Sica, de John Ford a Robert Aldrich, de Luchino Visconti a Giuseppe Tornatore, António Gaio era uma verdadeira enciclopédia viva do grande cinema. Filmes como “Luzes da Cidade”, “Ladrões de Bicicletas”, “O Milagre de Milão”, “O Último Apache”, “O Leopardo” e “Cinema Paraíso” marcaram profundamente a sua vida – e também a programação do Cineclub de Espinho, do qual foi fundador e alma.

O seu contributo para a cultura espinhense não se esgotou no cinema. Foi figura central na vida da Associação Académica de Es-

pinho e da Cooperativa Nascente, onde se destacou na criação do CINANIMA e do jornal “Maré Viva”, deixando também a sua marca na história da imprensa local. A sua experiência começou no boletim “Rumo”, da Associação Académica, um jornal pioneiro no panorama regional, com uma forte componente cultural e uma abertura rara para o pensamento crítico em pleno Estado Novo. Criou secções inovadoras como “A Voz dos Terríveis” e “Miniaturas”, que abordavam com espírito crítico e cultural a vida local.

Outro exemplo do seu espírito inovador foi o boletim “Vigor”, lançado em 1960 pela antiga fábrica “A Vigorosa”. Idealizado e produzido integralmente por António Gaio, o “Vigor” combinava a promoção dos produtos da empresa com a divulgação de textos de autores como Balzac, Óscar Wilde, Giovanni Papini, Thomas Mann e Aquilino Ribeiro – uma verdadeira ponte entre o mundo empresarial e a cultura literária.

A experiência adquirida por António Gaio nestes primeiros projetos editoriais revelou-se essencial para o trabalho que viria a desenvolver, a partir de 1973, no jornal “Defesa de Espinho”. Rodeado por uma equipa jovem e entusiasta, introduziu uma renovação editorial significativa, marcada por um olhar crítico e interventivo sobre a vida da cidade e do país. No auge do PREC – Processo Revolucionário em Curso –, a sua visão progressista entrou em conflito com a linha editorial mais conservadora e regionalista defendida pela administração do jornal. Sentindo que não dispunha das condições necessárias para continuar a sua missão, apresentou a demissão. Esta decisão foi acompanhada, no início de 1976, pela saída de António Santos e de outros jovens colaboradores. Este momento de rutura revelou-se decisivo: foi o ponto de partida para a criação da Cooperativa Nascente e do jornal “Maré Viva”, que rapidamente se tornou uma referência para muitos jovens jornalistas portugueses, pela sua linha editorial ousada e pelo compromisso com a liberdade de expressão e a cultura.

Foi na Nascente que tive o privilégio de conhecer mais de perto António Gaio. Foi aí que ganhei o gosto pela atividade cultural, que assisti às primeiras sessões do Cinanima no Cine-Teatro São Pedro, que participei num

curso de jornalismo orientado pelo Mestre Adelino Gomes, que conversei com Vasco Granja – uma figura da minha infância – e que vi as primeiras peças do Teatro Popular de Espinho. Sem o trabalho de António Gaio e de outros membros da Nascente, a minha geração não teria tido acesso, sem sair de Espinho, a uma atividade cultural tão rica e diversificada.

Em 2012, ainda em vida de António Gaio, tive a honra de coordenar, com António Santos, a exposição biográfica “António Gaio – Percursos de uma Vida”, integrada no programa de homenagem a este amigo e figura maior da cultura espinhense. Foi uma forma de preservar a sua memória e de reconhecer o seu contributo inestimável para a vida cultural da cidade. Hoje, ao recordarmos António Gaio, celebramos não apenas o homem, mas o seu exemplo: de liberdade, de cultura, de compromisso com a comunidade e de paixão pela imagem e pela palavra.



O Sr. Gaio foi, para mim, um exemplo de homem de bem e de família

- Cristina Lima

Foi aos 22 anos, saída da Faculdade, que conheci o estimado Sr. Gaio, como era conhecido por todos. Figura alta, imponente, de voz possante, a presença dele fazia-se notar. Para mim, ainda jovem e insegura, o Sr. Gaio, foi, no início, algo intimidante. Quando se dirigia a mim com o seu típico “Ó menina...”, até tremia, qual criança que escutava um pai austero. Cedo, essa imagem dissipar-se-ia, e ele viria a tornar-se uma inspiração, uma pessoa que me deixou marcas profundas, não só pela segurança e assertividade com que falava e se “mexia” no mundo de Espinho, em várias áreas, mas pela bondade que tantas vezes me mostrou, através de um olhar amigo e compreensivo, em alturas menos fáceis da minha vida.

Foram cerca de 30, os anos em que privei com o Sr. Gaio, enquanto diretor do CINANIMA. Nesses mesmos anos, o Sr. Gaio foi mostrando sempre a fibra de que era feito e a força das suas convicções. Homem inteligente, culto, sábio que soube rodear-se de pessoas que se apaixonaram

por um dos seus amores: o cinema de animação. E assim se foi espalhando o “bichinho” por esta arte: com este exemplo de alguém que vivia muito para este festival e que conseguiu conquistar seguidores, admiradores e amigos em todo o Mundo.

Contudo, mais do que tudo isto, o Sr. Gaio foi, para mim, um exemplo de Homem de Bem e de Família! Obrigada, Sr. Gaio.



Só tenho boas recordações do Sr. Gaio

- Manuela Lima

Posso dizer que só tenho boas recordações do Sr. Gaio. Conheci-o quando entrei na Cooperativa Nascente, em 1988, na sede, e a primeira impressão que tive foi a de estar perante uma pessoa dura, mas de bom coração. Recordo, acima de outras coisas, um homem muito participativo e interventivo no CINANIMA, que tinha apenas um problema: não falava línguas! Eu falava inglês e francês, e percebia também o espanhol. Era muito engraçado: quando lhe ligavam do estrangeiro, ele atendia e dizia: “Mister Gaio not here, call later”. Na verdade, estava, até porque era ele a atender o telefone. Era um homem muito aberto e preocupado com as pessoas. Nunca falhava como as remunerações do pessoal da casa, e se houvesse quem precisasse de receber adiantado por força de um qualquer problema pessoal, arranjava sempre maneira de amparar a situação. Com a sua ida, perdeu-se um grande amor verdadeiro e genuíno pelo cinema de animação. Não só isso, mas essencialmente isso, embora o seu legado continue atual, e a sua figura permaneça.



António Gaio foi um segundo pai

- Óscar Rocha

Conheci António Gaio há 57 anos, tinha eu dez. O nosso primeiro encontro deu-se na "Defesa de Espinho", naquelas alturas em que ele tentava arranjar pessoal para colar as etiquetas nos jornais; fui uma das pessoas que abraçou esse trabalho. Anos mais tarde, trabalhava na tipografia que colaborava com a Nascente, e por isso fomos sempre mantendo o contacto. Em 1980, convidou-me para vir para a Cooperativa, ajudar; não seria ainda para deixar o meu emprego, mas para colaborar. Naquela altura, colávamos os anúncios do jornal à mão, para depois ser fotografado. Enfim. Estive na Nascente entre 1981 e 2011, portanto já passei por quase tudo nesta casa. Diria que a característica mais diferenciadora de António Gaio seria o facto de ninguém lhe saber dizer que não. As pessoas poderiam até ter muitas desavenças com ele, mas ele tinha uma maneira de falar, que impossibilitava esse mesmo "não". Costumo dizer que duas das pessoas mais marcantes da minha vida celebram o seu aniversário no mesmo dia: Fernando Meneses e António Gaio. Hoje em dia, o Mundo precisaria muito de uma figura como a do Sr. Gaio. Tinha um coração enorme, afirmação que é, aliás, extensível a qualquer um dos membros da sua família. Ainda há duas semanas estive com a sua esposa... Quando entrei pela porta, pensei logo que não me iria reconhecer, mas aconteceu precisamente o contrário. Fiz o primeiro catálogo informático do CINANIMA, e chegamos a ter uma

pequena desavença por força disso: estava eu já a imprimi-lo, quando o Sr. Gaio chega ao pé de mim com um filme novo, que tinha de entrar na publicação. Claro que o filme acabou por não sair, sobretudo porque não havia tempo, mas... Ele era uma figura muito carismática, muito mesmo. Desde a sua maneira de ser, a tudo... Pela sua maneira de falar, ninguém era capaz de lhe negar o que quer que fosse, independentemente de cores políticas e afinidades. Ninguém lhe dizia que não. Era impressionante.



Lembrar António Gaio é sempre um carrossel

- Tiago Casal Ribeiro

Lembrar o Sr. Gaio é sempre um carrossel, no qual nunca vou gostar particularmente de andar pelo desgaste emocional que sempre me assola. Tanto que, quando me pediram esta epitome, o meu primeiro pensamento foi recusar, mas atendendo à efeméride reconsiderarei, e aqui está o meu pequeno contributo que julgo demonstrar uma perspetiva diversa do homem e dos seus valores.

A primeira imagem que tenho do Sr. Gaio, da perceção de uma criança que cresceu na sua casa, é a de um homem que, pela sua envergadura física, exalava austeridade, que entendi mais tarde estar longe da realidade, principalmente quando comecei a colaborar no CINANIMA, onde facilmente o abordava e expunha opiniões abertamente. E muito aprendi, na maioria das vezes que eu estava errado. Com ele, com uma simples frase.

Não posso deixar de referir uma característica no Sr. Gaio que me irritava solenemente, enquanto

jovem revolucionário, mas que hoje compreendo e vejo como virtude: a sua capacidade de apaziguamento, de estar sempre de bem com todos, de nunca criar inimizades ou hostilidades. Era precisamente esta postura que fazia com que fosse respeitado, que construía pontes, que abria portas. Quem não se lembra da sua agenda telefónica? Aquele caderninho preto, a abarrotar de folhas soltas e post-its, com que resolvia, entre outras muitas coisas, as faltas de equipamentos para a semana do CINANIMA; o Sr. Gaio conhecia sempre alguém, bastava um telefonema e os problemas resolviam-se. Nas vezes seguintes já nem passava por ele, só mencionar o seu nome já abria as portas todas que fossem necessárias.

Era um homem de convicções fortes e com um elevado sentido de justiça, demonstrado por exemplo pelo relato de minha mãe, Donzília, que me conta que ao ser empregada na casa disse que, como era hábito noutras casas, almoçaria na cozinha, recebendo de imediato oposição a essa ideia e que comeria à mesa com eles. E assim foi, sempre, mesa onde também eu e o meu irmão almoçámos tantas e tantas vezes.

Quando eu já colaborava com o CINANIMA, por vezes pedia-me para lhe passar ao computador textos manuscritos, sobre os quais eu sugeria pequenas correções e/ou alterações que na maioria das vezes não tinham grande relevância, mas que por vezes e de forma rebelde davam duplo sentido às frases. Destas últimas, há uma que é para mim emblemática, num texto para a Académica, penso que para um discurso que viria a fazer, arrojadamente sugeri que trocasse a palavra "taco" por "pau"; o Sr. Gaio

esboçou um sorriso e acedeu, ficando uma frase bastante sugestiva, e aberta a outras interpretações: "os jogadores corriam com o pau na mão, atrás da bola".

Já com algumas dificuldades e em dias em que o físico teimava em não colaborar, não querendo parar contudo a sua atividade normal, como as compras, idas à farmácia ou ao banco, a ida diária quase religiosa à Nascente, fui muitas vezes o seu suporte e não o digo no sentido figurado, mas literal: pedia-me que fosse com ele pela rua, braço dado, eu por vezes (quase sempre) num esforço hercúleo para o amparar. E lá fazíamos o périplo pelos locais onde precisava de ir.

Procurei, mas não encontro outra forma de encerrar este texto (porque muito mais havia a dizer) a não ser pegando nas palavras que José Saramago usou para o escritor maldito, Luiz Pacheco, que todos os que conheceram o Sr. Gaio sabem que lhe que assentam como uma luva: "Já não há homens assim, e fazem falta!".

PUB

RESTAURANTE · CHURRASCARIA
BALIZA

Serviço Take Away
Rua 8 N°471 Espinho
(frente ao Casino)
Tel.: 22 734 0220

Horto da Jú

Rua 31, n° 887
Espinho
T. 227 310 707
hortodaju@gmail.com
f /hortodaju1991

TATTOO PIERCING

HELLO SAILOR
TATTOO PARLOR

RUA 33 N340
ESPINHO 917 366 503



A propósito dos 100 anos do nascimento do meu avô

Carlos Gaio

Quando o Joel falou comigo para escrever um texto sobre o meu avô, a propósito dos 100 anos do seu nascimento, pensei logo nesta fotografia, que não precisa de muitas legendas (tirando que é Natal de 1981 e aquela é a sala de jantar da casa dos meus avós. E se quisermos entrar naqueles pormenores estranhos de colecionista: aquele móvel e esta perspetiva da sala, são a minha perspetiva do meu avô, desde sempre durante os 18 anos em que cresci e fui educado com eles naquela casa, porque ele sentava-se à mesa de costas para esse móvel, portanto esta fotografia acaba por encapsular muito mais do que o óbvio dos caracóis fantásticos deste que vos escreve e que já não existem, e das patilhas demasiado anos 70 do que me segurava ao colo, com aquele olhar perscrutador mas sorridente, que lhe é reconhecido por tanta gente.).

Depois comecei por tentar mostrar ao Joel o tanto que faltava da separata especial que o MV tinha feito e na mais-valia de falar em pessoas como o Eng.º Pinto Correia e o Sr. Lito Fonseca, que trariam um lado muito importante sobre a pessoa do meu avô num universo fundamental da sua existência: o seu grupo de amigos, com quem jantava regularmente uma vez por mês, e a maioria dos quais o acompanhava dos tempos da

Académica, e com os quais tinha muita afinidade e podiam partilhar coisas bem mais interessantes do que o que havia sido publicado. De igual modo, surgiram vários nomes de pessoas que passaram pela Nascente e que sei que tinham tido uma relação especial com ele e que valia a pena ouvir também.

No meio disto tudo, e por que acredito que as homenagens devem ser feitas em vida, quando possível, e felizmente o meu avô tinha tido uma em 2012 (organizada pela Câmara Municipal de Espinho, com o apoio da Nascente e do Teatro Popular de Espinho, na qual eu participei ativamente), achava tudo isto meio redundante e procurava um caminho que fizesse sentido. É então que o Joel me sugere que fale da paixão do meu avô pelos livros: e é aí que me surge a ideia de partilhar convosco algumas histórias, que sendo sobre livros são sobre alguns dos que me deu, e do que disso terá resultado.

Houve um tempo em que a Nascente tinha um Centro Livreiro, e muitos dos títulos que enchem a estante dos meus livros de infância vêm daí e pela mão dele. Com destaque para uma série de livros de armar (pop-up, como agora se diz), das Edições Malich de Moscovo, alguns dos quais com contos tradicionais do folclore eslavo (entre os quais sobre uma tal de Masha e o Urso, que as pessoas da minha idade que têm filhos têm que gramar num canal de tv específico), e um outro sobre maquinaria industrial soviética, que ainda hoje é

das coisas mais estranhas naquela estante. Mas, desses livros todos, havia um, que não era de armar e tinha capa preta, sobre o Barba Azul; tinha uns desenhos que sempre me cativaram, a par daquela história estranha que ali era contada para crianças, mas não era tão infantil assim. E esse livro, no qual já não pego há mais de 30 anos, ainda hoje é dos que me vem logo à ideia como exemplo dos que vieram pela mão dele desse sítio.

Um interlúdio para falar de um livro que não me foi dado por ele quando eu era criança, mas que acabou por me ser oferecido por ele muito tempo depois (por saber o quanto eu gostava daquilo); falo de um livro que lhe deram por alturas de 1984, em formato menor que A5 (editado em 1983 pela Contexto&imagem), ilustrado, com um conto do James Joyce ("O Gato e o Diabo"), que tinha na capa um Diabo de fato vermelho com um gato branco ao colo (e um senhor muito castiço a pescar), sobre um presidente de câmara municipal que quer inaugurar uma ponte, e a empreitada de obra pública está a dar-lhe água pela barba e lá tem que ir fazer um pacto com o dito. Curiosamente, nesta altura em que este livro que tinha um gato como protagonista tanto me fascinava, ainda não havia gatos em casa dos meus avós (e talvez por isso eu gostasse tanto deste livro). Também é curioso que 22 anos depois de eu descobrir este livro tenha começado a trabalhar no poder local...



Em 2010, uma das minhas melhores amigas, que é como se fosse família, veio ter comigo muito preocupada porque lhe tinham dito que eu andava a ir à missa muitos dias seguidos, ao que ela ataca logo: "Mas, estás a pensar em ir para Padre?" - perguntou. Claro que não estava; apenas me fez sentido naquela altura ter uma paz de espírito num sítio diferente ao fim do dia, mas que o que me tinha chamada a atenção, passados aqueles anos todos de ser crismado (e naturalmente me afastar para outras coisas da vida), tinha sido uma homilia sobre a linhagem de São José e é, então, que lhe explico que sempre gostei das histórias bíblicas. É aqui que recuamos a 1988, ano da minha primeira comunhão e da prenda que o meu Avô me deu: uma Bíblia para crianças ilustrada da Verbo, com as histórias fundamentais todas, e cheia de imagens cinematográficas que me transportavam para aqueles tempos e me fizeram conhecer as aventuras de Moisés (sem precisar de ver o filme); de finalmente ver como era o cobrador de impostos de que tanto falavam na catequese, de saber o significado da expressão 'vendeu-se por prato de lentilhas' (que me valeu um valente elogio em 93 ou 94 pelo pai de uns amigos de coração, cujas festas de anos eram momentos altos dessa altura para mim). Devo ter gostado tanto desse livro que no meu aniversário seguinte levei com outra Bíblia ilustrada da Verbo, mais estreita, mas igualmente completa e cheia dessas narrativas e que ainda hoje me fazem 'brilhar' em algumas conversas de salão.

A importância de vos contar isto vai muito para além de essas histórias bíblicas terem ficado a ressoar cá dentro como boas histórias que são: é que tem particular graça que isso tenha acontecido por alguém que, não só era ateu assumido, como fazia questão de entrar na Igreja só para o concerto Pascal (aqui,

por causa da música erudita, uma das suas paixões menos conhecida) ou outros eventos culturais ou institucionais, razão pela qual faltou às duas minhas comunhões (mas, se calhar, era só mesmo um problema com igrejas, pois quando fui a Varsóvia já em adulto a única coisa que me perguntou foi, porque também lá tinha estado há muitos anos: "Não achaste que tinha igrejas a mais?")... Pelo que, aquelas duas ofertas só podem ser explicadas por um pensamento humanista de ajudar a construir esta pessoa, dando-lhe a conhecer os básicos e ir além dos ritos dominicais (faltou-lhe dar-me edições ilustradas dos clássicos russos). Mas, creio que talvez exista outra razão subliminar: a paixão do meu avô pelo cinema terá começado, segundo ele, ainda bebé, quando a sua mãe o levaria numa cesta a ver os '10 mandamentos' e outras produções de cinema mudo com temáticas bíblicas ao cinema. Portanto, está tudo ligado e por causa disso tudo é que ainda hoje sou grande fã de filmes sobre o Moisés (esse grande herói de aventuras).

Terminamos com o final da década de 90, mesmo na viragem para o novo século. E para se compreender bem é preciso contextualizar que o meu avô era um consumidor ávido de jornais, diários e semanários, de entre os quais o Expresso: e apesar de não ser crente de quase nada, a não ser do grande poder criativo do ser humano e do motor da imaginação e da força de vontade, fiava-se largamente nas críticas do Expresso: ou, pelo menos, dava-lhes algum benefício da dúvida. E é por causa disso que no Natal de 1999 eu, já a braços com o segundo ano da faculdade, recebo um livro castanho editado pela Presença, que na capa tinha uma coruja, uma vassoura e dois sapatos de costas com muitas cartas a voar. Agradei, mas estranhei, não conhecia aquilo e não fazia ideia de que

livro era aquele sobre a Pedra Filosofal (que para mim era a canção do Manuel Freire, que o meu avô tanto admirava). Fiz perguntas e confirmei que a descoberta tinha sido feita por causa do Expresso.

O livro ficou na estante à espera que tivesse tempo de acabar os outros que tinha para ler (e que não me recordo quais eram). Até que, em setembro de 2000, por ocasião das minhas férias, preciso de algo que me ocupe o tempo e pego no tal livro, que, entretanto, já tinha percebido que era sobre mundos paralelos, e que iria sair um filme. Foi assim que mergulhei no universo de Harry Potter, do qual me tornei imensamente fã, até hoje, mas sobre o qual nunca falei com o meu avô, sabendo quem me conhece que falar sobre isto não me custa, e tanto partilhei com outros adultos para quem esse universo acabou por ser também especial. Contrariamente ao meu pai, que me teria dado o livro por saber que eu ia delirar, acabei por descobrir o Harry por causa de um velho hábito do meu avô: o de estar atento às novidades literárias, e de sempre privilegiar os livros como prenda. E foi graças a esse acaso que o meu avô acabou, sem querer, por me proporcionar das experiências literárias e de cultura popular mais imersivas que tive (principalmente o meu Pai, que talvez se tenha tornado mais fã do que eu por minha causa e com quem eu trocava teorias e acesas opiniões sobre toda a saga, até ao fim). Falta aqui muita coisa e tantos outros livros, mas destas partilhas todas, pode-se tirar uma simples conclusão: ofereçam livros às pessoas de quem gostam, que isso planta sementes e cria laços (e, como bem se sabe, os laços depois tornam-se pontes).



Nascente promove "Paz, Sim! Guerra, Não! Palestina Viva!"

Adriana Resende de Castro

No próximo dia 26 de julho, a Nascente - Cooperativa de Ação Cultural vai promover, em conjunto com outras associações, a jornada "Palestina Viva - Paz, Sim! Guerra, Não!", uma iniciativa cultural e solidária que reúne artistas, associações e cidadãos num dia de reflexão, criação coletiva e mobilização pela dignidade dos povos. O evento decorrerá entre o Auditório Nascente e o Jardim da Vila Manuela, com entrada livre e atividades para todas as idades.

A jornada enquadra-se num contexto global marcado pelo agravamento de conflitos armados, deslocações forçadas e violações sistemáticas dos direitos humanos. Com particular foco na Palestina - onde a população da Faixa de Gaza enfrenta um cenário de destruição e bloqueio humanitário -, a iniciativa pretende dar visibilidade à luta dos povos oprimidos, denunciar a normalização da violência e afirmar a cultura como forma de resistência e construção de paz.

"RESISTANCE": painel coletivo com assinatura do Coletivo Salitre

Um dos momentos centrais do dia será a criação do painel "RESISTANCE", uma instalação de arte urbana com pintura coletiva, sob a curadoria do Coletivo Salitre. A intervenção ocupará um painel de madeira com 14 metros de comprimento, instalado no Jardim da Vila Manuela, e decorrerá ao longo de todo o dia, envolvendo vários artistas e participantes da comunidade.

A obra parte de uma figura feminina que representa o povo palestino, exaltando o papel das mulheres como cuidadoras e guardiãs da memória e da cultura. A figura borda uma manta com padrões tradicionais de tatreez (ponto cruz palestino), dos quais emergem imagens simbólicas de resistência, união e resiliência. O elemento da água - com referências ao mar e ao rio, centrais na história da Palestina - percorrerá toda a composição.

A instalação inscreve ainda a frase da artista palestina Areej Kaoud: "Resistance is the deepest form of love", título de uma obra

de 2023 que inspira a intervenção.

Às 14h30, terá início, no mesmo local, a instalação de roupas "Em Gaza, matam-se os inocentes", como forma de apelo humanitário.

Programa completo

Além do painel, a programação vai desenvolver-se, em simultâneo, no Auditório Nascente com oficinas, cinema, poesia e momentos de partilha comunitária para todas as idades:

Auditório Nascente

- 10h30-18h30 - Mostra de livros e cerâmica;
- 10h30 - Oficina de postais pela paz (famílias);
- 14h00 - Projeção do documentário "Um Povo Sem Terra", de Eliyahu Ungar-Sargon;
- 16h00 - Sessão de Contos (famílias);
- 17h00 - Conversa Aberta sobre a Palestina;
- 18h30 - Poesia às 7

Esta jornada insere-se no compromisso da Cooperativa Nascente com uma cultura ativa, crítica e solidária, e reforça o papel das artes como instrumento de escuta, denúncia e construção de alternativas num tempo de crescente fragmentação e violência.

Paz, Sim! Guerra, Não!
**Palestina
viva**

26 julho
ESpinho
Auditório Nascente / Jardim Vila Manuela



- ✓ Pintura coletiva do painel "RESISTANCE" pelo Coletivo Salitre
- ✓ Instalação "Em Gaza, matam-se os inocentes"
- ✓ Mostra de livros e cerâmica
- ✓ Oficina de postais pela paz (famílias)
- ✓ Documentário "Um Povo sem Terra" de Eliyahu Ungar-Sargon
- ✓ Sessão de Contos (famílias)
- ✓ Conversa Aberta sobre a Palestina
- ✓ Poesia às 7

destaque



Esposa de Miguel Reis diz que o ex-autarca nada teve a ver com a compra dos móveis

Adriana Resende de Castro

A audiência da Operação Vórtex da passada sexta-feira (11 de junho), ficou marcada pelo testemunho de Cristina Costa, esposa do ex-Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Miguel Reis. A sessão centrou-se em vários esclarecimentos sobre a compra de mobiliário para a residência do casal, um dos pontos referenciados como potencial indício de recebimento de contrapartidas ilícitas na acusação do Ministério Público.

Cristina Costa: "Se é para isso, pode levar tudo de volta!"

A esposa do antigo autarca descreveu com detalhe o processo de aquisição do mobiliário pelo casal.

Cristina Costa explicou que os móveis da casa foram idealizados por si, a partir de um esboço "simples e pouco rigoroso". Conseguiu um primeiro orçamento, mas considerou o valor elevado e, neste seguimento, tendo visto

as cadeiras do restaurante "A Cabana", que lhe agradaram, quis prosseguir com o pedido ao carpinteiro responsável pelas mesmas.

Para isso, encontrou-se com Francisco Pessegueiro no café 20 Intensus. O empresário terá ligado, de imediato, ao fornecedor, no sentido de acelerar o processo. A arquiteta aceitou a sugestão e avançou com o pedido a Marcelo Sousa, acabando por encomendar mais do que apenas as cadeiras – uma vez que os preços apresentados eram mais acessíveis.

Além do valor, o prazo de entrega era também importante para a testemunha, que precisava do mobiliário "até ao Natal". A esposa do ex-autarca recorda que o carpinteiro terá ido apenas duas vezes a sua casa, para acertar medidas e detalhes. Após a época natalícia, algumas peças foram corrigidas, porque "não tinham ficado como queria".

No último dia em que Marcelo Sousa esteve em sua casa, Cristina Costa reitera ter-lhe pedido a fatura. Para sua surpresa, Marcelo Sousa terá dito que iria falar com Francisco

Pessegueiro, o que gerou indignação à arquiteta: "Se é para isso, pode levar tudo de volta" - disse.

"Nunca faria nada sem o meu conhecimento"

Cristina Costa negou com firmeza qualquer envolvimento do marido na compra. Explicou que Miguel Reis estava inteiramente focado na Câmara e alheado de todas as questões domésticas. "As questões de casa não existem para o Miguel", afirmou. "Ele não sabia de nada. A resposta dele era sempre: 'Se tu gostas, eu gosto'" - sublinhou.

Contou ainda que foi ela quem tratou de procurar casa durante dois anos, do crédito bancário e da escolha de todo o recheio. "Ele vivia para o trabalho. Eu é que tratava de tudo" - completou. Rejeitou "completamente" a hipótese de o marido ter aceite dinheiro de promotores: "O Miguel é íntegro. Nunca faria nada sem o meu conhecimento" - firmou.

Sobre as cadeiras, Cristina Costa referiu ainda que recebeu seis cadeiras normais

e seis com apoio, não tendo efetuado o pagamento de um valor de entrada, por se tratar de um orçamento relativamente baixo. No entanto, quanto aos móveis, pensou inicialmente em dar sinal, como seria habitual com empresas pequenas. Mas Marcelo Sousa terá recusado, dizendo que só aceitaria pagamento no final.

A arquiteta assegura ter insistido na fatura: "Disse-lhe que queria pagar tudo direitinho". Quando mais tarde soube que existia uma guia com o nome de Francisco Pessegueiro, Cristina Costa diz ter sido categórica: "Se tivesse visto essa guia, não tinha ficado um único móvel em minha casa. Nem que demorassem até às 03h00 da manhã a retirá-los de lá" – assegurou.

O jantar de aniversário

A propósito do jantar de aniversário no restaurante A Cabana, Cristina Costa afirmou que, quando durante a refeição percebeu que o jantar seria uma oferta de Francisco Pessegueiro, ficou incomodada com a situação e quis vir embora de imediato.

"Fiquei muito chateada. Não gosto que me paguem nada", sublinhou a arquiteta. Ao longo do testemunho, a arquiteta defendeu o caráter e os valores de Miguel Reis. Recordou que, logo após assumir funções como Presidente da Câmara, ele lhe pediu que deixasse de trabalhar para a autarquia. "O Miguel tinha um sonho para Espinho, um plano que não consegui realizar. As mil coisas boas que digo são sobre o cidadão, não sobre o meu marido – a verdade é que não conheço cidadão igual a ele" – sublinhou. Além do longo depoimento de Cristina Costa, foram ouvidas outras quatro testemunhas arroladas pela defesa de Miguel Reis.

David Sousa: "Desde miúdo, muito estável nas decisões"

O arquiteto David Sousa, amigo de infância de Miguel Reis, recordou o percurso comum e a admiração antiga pelo caráter "firme" do ex-autarca. Contou que, apesar de reencontros esporádicos no café 20 Intensus, nunca abordou Miguel Reis para interceder por qualquer processo, pois "sempre soube que não valia a pena. Ele é muito certo e não se deixa influenciar", sublinhou.

Joana Devesas: "Cumpríamos

sempre a legalidade"

Joana Devesas, jurista, atual presidente da Assembleia Municipal de Espinho e antiga adjunta de Miguel Reis, centrou-se mais na descrição dos procedimentos administrativos. Explicou que despachava processos com o login do Presidente, por acordo interno e por razões práticas, sempre segundo os pareceres técnicos. Negou ter havido "qualquer favorecimento ou instruções" para acelerar processos ligados a promotores.

Referiu o embargo do prédio da Rua 19, num período em que mais obras do mesmo requerente estavam a ser indeferidas pela Câmara Municipal de Espinho, como um exemplo de cumprimento de normas, mesmo perante o desconforto gerado. "Comentámos até que o senhor [Francisco Pessegueiro] poderia pensar que era perseguição" – disse. Reforçou que Miguel Reis exigia o cumprimento rigoroso da lei e mantinha uma relação aberta com os municípios. "Era um mandato em que ele queria criar relações, manter um contacto próximo. O objetivo era que se cumprissem as regras, o Presidente dizia muitas vezes 'cuidado, façam tudo direitinho, porque, no fim, a cabeça que rola é a minha'".

Bruno Santos: "Nunca foi pedido qualquer favor ou contrapartida"

O empresário Bruno Santos, ligado à sociedade imobiliária Espinho 21 e vice-presidente do SC Espinho, descreveu os contactos frequentes com a Câmara Municipal devido ao projeto urbanístico de grande escala relacionado com os terrenos do antigo estádio. Disse que Miguel Reis mostrou sempre abertura para colaborar, desde que os projetos respeitassem a legalidade. "Vi sempre nele apenas vontade de fazer coisas por Espinho" – referiu.

Ângelo Cardoso: "O Miguel era até acessível demais para com os municípios"

O técnico de informática Ângelo Cardoso relatou as dificuldades encontradas ao nível da digitalização dos serviços camarários e o papel que desempenhou no apoio à reorganização interna. Confirmou que os despachos informáticos eram feitos pelo gabinete, com login do presidente, mas sempre baseados

em decisões técnicas. "Não lia tudo. Seguia os pareceres. Eu não percebo de urbanismo", afirmou, reforçando que as decisões finais eram concordantes com as opiniões e pareceres dos colegas do pelouro.

Disse ainda que Miguel Reis era frequentemente abordado na rua por cidadãos, a quem respondia com "cordialidade e diligência", tentando sempre apurar o estado dos processos junto dos serviços.

Iniciou a fase das perdas alargadas com o arguido Álvaro Duarte

Recorde-se que o julgamento da Operação Vórtex teve, na última semana, duas sessões (11 e 14 de julho) canceladas, devido à greve dos procuradores do Ministério Público. Esta paralisação surgiu no contexto da recente decisão da ministra da Justiça, que não acolheu a proposta de realização de um concurso especial para o recrutamento de mais 100 procuradores. As sessões retomaram esta terça-feira, 15 de julho, no Tribunal de Espinho, com o início da fase das perdas alargadas.

Esta sessão marcou o arranque de uma nova etapa do processo, centrada na análise do património dos arguidos, iniciando-se com a audição do engenheiro Álvaro Duarte. A primeira testemunha ouvida nesta fase foi Cristina Ferreira, esposa do arguido e contabilista, inclusive na empresa EcoArte. As sessões dedicadas às perdas alargadas vão prolongar-se ao longo da presente semana, com trabalhos agendados para todos os dias.

As perdas alargadas são uma medida prevista na lei penal portuguesa, que permite ao tribunal declarar a perda de bens a favor do Estado, sempre que existam indícios de que resultam de atividade criminosa – mesmo quando não se consiga provar, diretamente, que um bem específico tem origem ilícita. O objetivo é evitar que os arguidos beneficiem de património obtido de forma não justificada. Em termos jurídicos, trata-se de uma presunção legal rebatível: cabe ao arguido demonstrar a origem lícita do património. O mecanismo não constitui uma penalidade extra, mas uma forma de recuperação de ativos, validada pelo Tribunal Constitucional.

PUB



Terra Viva Restaurante & Merceria BIO
Rua 27 Nº715 e 722
4500-287 Espinho



Barbara Kebab
Tel.: 224 951 894
Rua 23 Nº50 4500 - 802 Espinho



AQUÁRIO MARISQUEIRA D'ESPINHO
60 ANOS
Tel.: 22 732 1000 R. 4 540, Espinho

desporto



António Canelas e Maria Fernanda Alves foram os principais destaques da equipa de Masters da Secção de Natação do Sporting Clube de Espinho no Campeonato Nacional Open de Verão de Masters, que decorreu de 10 a 13 de julho, nas Piscinas Municipais Vítor Martelo, em Reguengos de Monsaraz. A competição, organizada pela Federação Portuguesa de

Natação, contou com a participação de 997 nadadores em representação de 89 clubes portugueses e espanhóis. O Sporting Clube de Espinho apresentou-se com sete nadadores – quatro homens e três mulheres. António Canelas, no escalão K, conquistou cinco títulos de Campeão Nacional: 50 e 100 metros mariposa, 100 metros bruços, e 200 e

400 metros estilos. Na prova de 400 metros estilos, estabeleceu ainda um novo recorde nacional. Maria Fernanda Alves também subiu ao lugar mais alto do pódio, ao vencer os 50 metros costas no seu escalão. No final da competição, o clube espinhense somou seis títulos nacionais, um recorde nacional e nove recordes pessoais.

Rodrigo Rodrigues e Rodrigo Rocha em plano de destaque no Interdistrital de Verão

A Secção de Natação do Sporting Clube de Espinho participou, entre os dias 11 e 13 de julho, no Campeonato Interdistrital de Verão de Juvenis, Júniores e Seniores, realizado no Complexo Olímpico de Piscinas de Coimbra. A prova foi organizada pelas Associações de Natação do Centro Norte de Portugal, Coimbra e Leiria, reunindo atletas de vários escalões. O clube espinhense esteve representado por 11 nadadores.

Rodrigo Rodrigues foi o nadador em maior evidência ao sagrar-se Campeão Interdistrital Sénior e Absoluto nos 100 e 200 metros costas, provas em que foi também o melhor classificado entre os atletas da ANCP (Associação de Natação Centro Norte de Portugal). Conquistou ainda o 3.º lugar sénior nos 50 metros costas e foi o nadador mais rápido da ANCP em cinco provas, estabelecendo

seis novos recordes do clube: nos 50, 100 e 200 metros costas (escalão sénior), nos 50 metros mariposa, e ainda nos 50 metros livres (sénior e absoluto).

Rodrigo Rocha conquistou o título de Campeão Interdistrital Sénior e Absoluto nos 50 metros bruços, sendo também o melhor da ANCP nesta prova. Alcançou ainda o 3.º lugar nos 100 metros bruços e o 4.º nos 200 metros bruços, com o melhor tempo da sua associação. João Castro, no escalão júnior, foi Campeão Interdistrital Júnior e Absoluto nos 100 metros mariposa, fixando um novo recorde do clube para o escalão. Foi ainda 4.º classificado nos 50 metros mariposa e 19.º nos 100 metros livres.

Guilherme Pinto sagrou-se Vice-Campeão Interdistrital Júnior nos 100 metros livres, obtendo ainda o melhor tempo da ANCP nos 200 metros mariposa e nos 400 metros livres. A sua marca nos 400 metros permitiu-lhe estabelecer dois recordes do clube: nos escalões júnior e absoluto.

No setor feminino, Mariana Azevedo foi Vice-Campeã Interdistrital Juvenil A nos 50 metros

bruços, com o segundo melhor tempo da ANCP. Alcançou também o melhor tempo da associação nos 200 metros bruços. Adriana Trindade, também juvenil A, conquistou o 3.º lugar nos 200 metros costas e somou classificações consistentes em várias provas, incluindo o 6.º lugar nos 50 metros mariposa e 7.º nos 50 metros costas.

Nas estafetas, a equipa masculina composta por Francisco Santos, Guilherme Pinto, João Castro e Manuel Oliveira sagrou-se Campeã Interdistrital Júnior nos 4x100 metros estilos e Vice-Campeã nos 4x50 e 4x100 metros livres, conquistando ainda o título de melhor equipa da ANCP nos 4x100 estilos. As nadadoras Adriana Trindade, Beatriz Moreira, Inês Borges e Mariana Azevedo terminaram na 5.ª posição absoluta nos 4x100 metros estilos, sendo a melhor equipa da ANCP nessa prova. Ao longo do campeonato, o Sporting Clube de Espinho somou 12 pódios interdistritais (5 ouros, 4 pratas e 3 bronzes), 29 pódios da ANCP (15 ouros, 9 pratas e 5 bronzes), 19 recordes pessoais e 11 recordes do clube.

Atletismo: EV-Peraltafil foi a melhor equipa em Santa Maria de Lamas

A equipa de atletismo EV-Peraltafil, de Espinho, esteve em evidência no último fim de semana, com participações de relevo em duas provas do calendário regional: a 9.ª Corrida de Santa Maria de Lamas e a Corrida Portucale, em Vila Nova de Gaia.

No sábado, em Santa Maria de Lamas, a formação espinhense apresentou sete atletas e conquistou o 1.º lugar coletivo; Manuel Bessa foi o atleta em maior destaque, ao garantir o 2.º lugar no escalão M50 e a 8.ª posição na classificação geral. Na categoria M40, José Almeida ficou em 4.º lugar, logo seguido por Cláudio Costa, que terminou na 6.ª posição. Também contribuíram para o resultado coletivo José Silva, Joaquim Pereira, Nuno David e Leonel Silva.

No dia seguinte, na Corrida Portucale, a EV-Peraltafil competiu com quatro atletas, alcançando novamente classificações de relevo. Renato Sousa foi o melhor classificado da equipa, ao terminar em 4.º lugar na geral, com Hélder Pires logo atrás, em 5.º lugar. Carlos Costa fechou o trio masculino com uma 8.ª posição. No setor feminino, Cristiana Santos destacou-se ao terminar em 12.º lugar na geral feminina.



Pedrosa e Campos dominam etapa de Espinho e aquecem para a Taça das Nações

João Pedrosa e Hugo Campos venceram a 2.ª etapa do Circuito Nacional de Voleibol de Praia 2025, disputada este fim de semana na Praia da Baía, em Espinho. Na final, superaram Francisco Pombeiro e Marcus Borlini por 2-0 (21-19, 21-18), reforçando o domínio nacional e preparando a participação na Taça das Nações, que se realiza no mesmo local de 17 a 20 de julho.

Os irmãos Gonçalo e Tomás Sousa garantiram o 3.º lugar ao vencerem Tomás Natário e

Gustavo Reis por 2-0, mantendo-se no topo do ranking nacional.

No torneio feminino, Daniela Loureiro e Vanessa Paquete bateram Beatriz Pinheiro e Inês Castro na final por 2-1 (17-21, 21-16, 15-9). Mariana Maia e Gabriela Coelho repetiram o bronze da etapa anterior, vencendo Matilde Moreira e Nydia Saavedra por 2-0.

A prova em Espinho teve um significado especial, funcionando como ensaio geral para a Taça das Nações, uma das competições in-

ternacionais mais importantes do calendário europeu. Com várias das principais duplas portuguesas presentes, o torneio serviu para testar ritmos, condições e estratégias no mesmo palco onde, dentro de dias, se decidirá o troféu europeu.

O circuito segue para Barcelos, com a competição feminina de 18 a 20 de julho e a masculina de 25 a 27. A final nacional decorre em Matosinhos, de 15 a 17 de agosto.

PUB

Diariamente até às 4h

Paz, Sim! Guerra, Não!
paLeSTina
viva

26 julho
ESPINHO

Auditório Nascente / Jardim Vila Manuela



✓ Toda a programação em mare-viva.pt



Nascente
 Cooperativa de Ação Cultural

SALTRE

